

TODAS AS CARTAS

Livro 75

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



INCESSANTE PROCURA

Percorro os espaços ao meu redor encerrado na minha solidão. Já não circulam por aqui os olhos que me viam, o que torna nulo o tamanho da espera e aumenta meu isolamento. Pensar com insistência aumenta a desordem exclusiva dos sem coadjuvantes. Nada a combinar; os beijos foram convertidos em imagens sem saída, as emoções estão fora de serviço. Busco que o cansaço crie obstáculos à minha incessante procura e me dê um motivo para não mais deixar-me cativar pela ilusão.



PREVISÃO

Não tive mais remédio senão confirmar minha previsão: a princípio não quis acreditar no que aconteceu. Sem surpresas, assisti a uma legião de pessoas sem solidez, invadidas em sua intimidade. Mergulhadas nas profundezas da solidão, isoladas, sem possibilidades

de saber que aquela porta aberta que convida não acaba no céu, antes, termina na descrença depois de tanta promessa não cumprida. Não terão aposentadorias tranquilas, isolados no silêncio aceitando tudo como obra do destino. Nascem, vivem e morrem desocupadas dentro dos seus vazios, morrem sem conhecer o principal e o acessório, que as escassezes são barreiras superáveis. Nada lhes privilegia a existência, neles não há rastros de desejos, os cuidados a eles oferecidos são insuficientes.



DENTRO DA DOR

A saudade me invadiu por dentro, como um cobertor curto que expõe todos os esconderijos. Confirmo minha delação. Depois da primeira curva, deixei de olhar para trás e nunca mais voltei. Escondo dentro de mim o tempo que escorreu até nascer um provocado aviso de que já era hora de voltar. Em silêncio, esquecido, o tempo não faz barulho, se aquieta obediente, se

espreme em um canto qualquer, bebe lágrimas não choradas, brinca de eterno, se descaracteriza chorando perdas menores, disfarça queimando o olho que não cansa de tanto arder. Toda lágrima que choro tem o mesmo destino salgado. No olho se mostra uma dor úmida que derrete, e que nem sei de onde vem, sai de dentro, cai dando ordens, deixando minhas vísceras expostas.



SAIDAS

Quando me faltam as lembranças, olho o lugar vazio, guardo nas rugas a marca que me resgata o conteúdo. Ao acaso, esquecido das penas e calculando quantas dores tolero, espero um pouco mais, sempre menos do que preciso, sabedor da diferença da dor e do prazer em meio a tantas urgências. Sabido, minto que nada acontecerá, embora trema sempre com o velho medo.

A VIDA

A vida passou tão rápido que não tive tempo de ver o que passou por aqui. Um estúpido descuido distraiu-me a observação. Com que caras ficaram as belas de antes, e as águas das praias? Mostrem-me o destino de cada objeto que larguei por aí, digam-me se a casa onde nasci segue ali. Se minhas dívidas de gratidão ainda seguem vigentes e se meus amigos ainda vivem na mesma rua, cuidando das nossas esquinas. Sei que alguns morreram, omiti de propósito, não quis chorar-lhes a ausência, preferi pensá-los distantes, esperando-me em algum retorno junto com o minuano que insistia em nos gelar, alguns doentes administrando a falta que a saúde lhes fazia.

RUMOS

Desviei-me daqueles rumos, descaracterizei minhas saudades. Desfiz um caminho, finjo que ele não mais existe para amenizar minha vontade de voltar, coisa impossível, já não está mais lá o que deixei. É perigosa uma ilusão sem limites, descara a minha invenção toda vez que, brincando com o tempo, viajo, desviando-me dos anos e aterrizando lá na quadra onde jogávamos futebol ou no café onde ficávamos olhando a noite chegar.



FOTOS E LÁPIDES

Desbotadas as fotografias, as lápides nomeiam os mortos, com data de entrada e de saída, os que perderam a vez, cessados, desintegrados, decompostos e desobedientes.

SINISTRO

Estou descontente, sinistro, o que torna a perda real, irreversível. Descrendo na eternidade, aposto com os deuses uma partida de xadrez, ainda que nunca tenha aprendido a jogar. Que diferença faz, as regras me são impostas e não posso querer mais do que me permitem. Por isso, não tenho fé, ou até tenho, mas limitada, relativa ao tempo que me cabe viver. Depois, não poderei ter fé nenhum, depois só serei memória para uns poucos que se animem em dar-me voz.



ALHEIO

A vida descosida me mete em enredos quase novelas, feito um arremedo de mito. Cheio de medo, preparo-me para o momento da desativação. É crônico desabituar-me à ideia de que em algum momento não existirei mais, parece piada, parece um conto alheio a mim.

CUMPRO

Cumpro com desembaraço a cura das feridas, acaricio as cicatrizes, remendo poesias guardadas, só me resta fazer todo o possível para não perder o afeto, deixar de ter o amor por esse patrimônio.



QUERO CHEGAR

Quero chegar a um tempo em que eu possa podar as minhas penas. Mesmo que provisoriamente, mudar as coisas como são. Não aceito ficar deste modo, sem significação, prejudicado, disfarçado de um inofensivo que carrega um peso punitivo.

Quero que a cor seja tão forte que não possa ser apagada. Incapaz de levar qualquer peso imposto, não aceito o sofrimento passível vestido de ato heroico.

FICAR

Quero que a palavra venha pronta para ser dita. Derramada no papel, fará companhia ao solitário que a convoca para libertar-se de alguma desatualizada promessa.

Quero um destino que não seja trágico. Abandonado a condição de excluído, quero abrir caminhos para a hospitalidade ser recebida com vontade de retornar e ficar.



A PARTILHA

Partilho com prazer o silêncio, a surpresa, a dor, o argumento, a falta, o luxo, a água, a culpa, o fracasso. Atrevo-me a partilhar a segurança, o segredo, a paixão, o Botafogo, a razão, a falta dela, a aventura, a calúnia, a surpresa. Quebro a unidade, divido, parto a corrente, comparto uma origem, o pão.

Todo esse partilhamento transpõe, coa e legaliza o tempo que passa.

OS TEXTOS

Torno a desterrar os afetos dissonantes. Acompanho, penhoro a prudência, corro grande risco de atrair o pior, perder o equilíbrio e desejar o impossível. Evito confessar todas as dívidas, parte delas - as que me prometi e não cumpri, jamais seriam perdoadas. Dei-me a entender que o respeito jamais perderia o espetáculo da satisfação própria.



TODAS AS CARTAS

Não li todas as cartas, algumas vezes perdi o trem, a revolução, não fui o primeiro amor da mulher amada, não me consta haver sido absolvido dos meus pecados originais. Vim correndo desde a idade mais remota para não perder o lugar na fila. Ao condutor perguntei o trajeto, do autor quis saber a meta.

AUTORIZADO

Fui autorizado a participar, a visitar, a sentir, a fazer uso da vida, passei roçando pela adolescência, pelo ofício, pelo cargo, me referi aos medos, modifiquei carinhos, segui os rastros dos que me ensinaram a brincar. Ainda melho os textos, como andarilho pelas páginas, planto palavras que espalhem aqueles que sou e outros.



A INOCÊNCIA

Mandei ao exílio as manhas e os artifícios, animei-me com o resultado ainda que avance devagar. Apresento como definitivo o meu desespero, misturo o espanto e a dor da perda, nem as melhores memórias modelam. Isso leva um tempo.

MANIFESTO

Escassamente, manifesto palavras, quase paralisadas, sobre elas o peso do mau uso, do esvaziamento dos significados que elas carregam. Tiro a poeira, o desgaste, o banal discurso que cristaliza seu sentido. Abro a porta para que a palavra inocente entre, encontre abrigo, fuja da exploração, da mentira, da irônica experiência que esvazia. Autorizadas, elas apontam o que se passa.



SACUDIDAS

Sacudidas, as palavras pedem licença para não revelar a verdadeira razão pela qual guarnecem, em segredo, o pedido para manterem a inocência.

MINHA ALMA VAZIA

Uma colaboração íntegra afastaria o perigo do meu coração congelar. O tamanho da discrepância confirmasse na saudade adicional, prejudicial ao bom andamento do cotidiano. Ainda que meu coração se esconda de viver além de si, tenho esperanças de ampliar seu horizonte. Até onde meu olhar alcança ver, prossigo nesta atitude de manter uma valiosa espera. Não sei a quem espero.



O QUE RESTA

Onde andaré a proteção ilustremente prometida e a tranquilidade carente de ser renovada? Minha alma vazia assiste ao tamanho da solidão em meio a uma explosão de sentimentos sem controle. Até onde vigora esta ânsia inconclusa, desconforme? Falta-me aceitá-la, é o que resta.

PÓ

Vida! Estou prestes a receber o aroma descontinuado, que não irá estar lá, irá para outros lugares, com o tempo se vão todos os aromas se vão, dobram a noite, desaparecendo antes do dia. A ti, vida, te quero solidária. Todos os que se arriscaram, te perderam. Essas questões do viver não desculpam, não atenuam e registram todos os exageros. As graças não bastam para o viver.



AMOR OU DEFESA

Não sei se priorizo o amor ou sua defesa, qual deverá ser o principal e qual o acessório. Variar-lhe a condução tentando fazer com que progrida menos íngreme e menos reto, com tormentos calculados, ainda que precariamente, e com dores suportáveis ainda que limítrofes. Acalmo minhas disposições mais imediatas, diminuindo a autoridade do improvisado.

Ávido como todo instinto, o primeiro passo é estender-lhe a mão para que não se lhe roube o valor. Tornar o amor delicioso exige cuidados, esvaziamento da voluptuosidade, dobra da presunção. Posso garantir que há poucas coisas tão difíceis; o desdouro que o diga. As mãos são boas para as carícias, desde que a alma não passeie pelo inferno.



A PAZ ALTERADA

Por ora tenho nas mãos uma delicada e constante razão para não entrar nos teus segredos. Nunca ousei perguntar miudezas da tua vida íntima. Pela grande afeição, cogito pensar no grande risco que corro, vagueando e insistindo em tirar o sossego do passado, dando voz ao silêncio.

DISPERSA

Chego a desnortear a quem, como eu, vivo de abraços. Autorizado a fazer uso dos momentos lúdicos, executo, por meio da palavra uma confissão: não me é possível desfazer a ambivalência. Romances assim alimentam mágoas, entram em rota de colisão. O desassossego põe no meu coração um registro de medo promove a fuga, dispersa.



SEXO E TEMPO

Neste encurtado presente, não sobra lugar para lembranças. Não há tempo a perder, ainda que eu favoreça o tempo precedente como fonte de vida e inspiração. Ainda me surpreende saber que sou quase o mesmo em todos esses tempos. Quem se recusa a viver o tempo que lhe cabe viver?

PROVER

Prover as necessidades da vida exclui a sublimação do sexo e o controle do tempo. A natureza avisa, há um limite que não aceita levantes, nada supera, nada resiste, as revoltas ficam sempre desamparadas, sepultadas, sujeitadas à rendição.



GRANDES RISCOS

Há grandes riscos quando se sentimentaliza o sexo e o tempo. Um e outro transbordam, subvertem a segurança, produzem efeitos indesejáveis, tomam o lugar da ordem, promovem um corpo a corpo que invade e sufoca o talento, a prudência, desafiando a educação ordinária. Sexo e tempo consomem, transbordam o pensamento, que suplica paz a esses desobedientes que passam em silêncio sem prevenir a ruína.

ANTES DE DESABAR

Não suspeito da ingenuidade, mas daqueles que dela têm abusado. Trato de conduzir a falta de vontade, algo me adverte que a imprudência é manhosa e se faz afeiçoar deliberando afastamento daqueles que nos acompanham nas coisas mundanas. Não aconselho ancorar no padrão dos dedicados amantes que se entregam com doçura esperando retorno. Eles choram por detrás das portas, se jogam ao chão, vomitam o ódio pelos ouvidos, falam pelos olhos, desejam o pior catando as lembranças para não saírem com vontade de ficar. Retiram-se afastando o inoportuno, alongam uma afeição, exageram a gravidade, deliberam habituar-se à ausência. Modelam uma solidão, suprimem as saudades. Distribuem afetos calculados porque não têm um passado edificado, sucumbem as cinzas. Na borda da ternura não imaginam que aprimorar a agudeza do espírito promove o amor sem tanto sofrimento. Ornado de falsas dedicações, fingem que se divertem, afirmando o pensamento em controlar o gemido que ameaça brotar. Afirmado no desconhecido de si mesmos, não poderão mais aguentar a dor que acompanha os fracassos do amor.

BENEFÍCIOS

Digo, comovido: os benefícios colhidos saíram como águas de um rio descontrolado, fora do seu leito, e germinaram em terra com sede. Alegrias espalharam-se pelos velhos e conhecidos caminhos, caprichosos movimentos foram usados para inovar a graça e o brincar. Um tom de festa expressa o que não cabe mais dentro de mim; o milagre de animar distribui contentamento, tumultua o sossego, cria alarde na monotonia, deixa mais leve e mais fácil a tristeza.



IDAS E VINDAS

Não quero ter a necessidade da partida, ir-me posso, sem sair de todo, saio por partes, posso juntar-me a outras alegrias, outras alegorias, esquecer, ainda que fugazmente, algumas agonias. O espetáculo que mobiliza tanta divisão duplica minha ação entre partes diferentes. Sem me dar conta, deixo rastros, muitas marcas que demarcam por onde fui, por onde andei com tanto espaço. Temerário de não ser mais encontrado, deixo mensagens em páginas confessas.

MEDO

Quando assustado, me transformo em uma criança necessitada, quero ter atenção e proteção. Quanto aos cuidados, deixem-me escolher a hora e quem será aquele que me acolherá; que procurem saber apenas se administro a dor e o medo. Remediado o pior, em primeira mão quero um silêncio acompanhante e, principalmente, um ardente olhar que valha como declaração e dedicação. Não reduzo cada um dos medos, eles respondem por minha singularidade. Minha alma estava inclinada a nomeá-los, um a um, mas são tantos, se proliferam, mudam de tom, de cenário. Resgato a falta de confirmação para amenizar seus efeitos, imagino sua inclinação para cumprir o pior; colher tristezas, dores.

NENHUM VESTIGIO

Nenhum vestígio de calma tem sido suficiente quando, por desatenção se despreza a paz. Nada pode ser tão tormentoso quanto a crueldade sem reservas se instala quando nada mais consegue evitar o medo. Nunca isolado, o medo se comporta ativo, chega sem pedir licença, ameaça órgãos, filhos, todos os patrimônios, mistura-se com os cuidados para dar sentido à acolhida, se disfarça parecendo uma inclinação útil, mesmo quando exagerado o medo alheia de todas as formas de prazer, ressuscita uma ação casta há muito esquecida.



O MEDO FAZ DE TUDO

Deixa os prazeres tão ociosos, que a inatividade acaba sendo cultivada como uma glória. O medo faz de tudo para sua conservação, exige prescrição e cumprimento obrigatório. E se ele tiver boa e alimentada acolhida, se repete de modo reforçado e assustador.

SEM EXATIDÃO

Sigo sem exatidão o caminho para o alcance de preciosos momentos. Embora não andem escondidos apenas – ocultam a banalidade- eles devem ser achados. Vou onde deixaram abandonada a alegria, afasto os medos, colo as fraturas, reinvento forças. Cancelo todas as renúncias, declaro estado de vigília permanente na conquista e, humilde, sossego na manutenção.



PRECIOSOS MOMENTOS

Preciosos momentos nos quais ocupo minha desocupação, desfragmento as precárias uniões, reúno necessárias energias para ser essencial e apropriado frente aos fracassos e acertos. Os nós afrouxados permitem ideias solidárias com os outros e comigo mesmo. Elejo os eixos prioritários, estendidos de forma combinada entre a realidade e o que posso. Reformo atitudes, corrijo a ineficiência, a desistência, a lentidão. Abandono a falsa segurança, abandono o refúgio, dou transparência à solidão intrínseca que me faz lembrar a permanente fragilidade de que sou composto.

NO MEU FUNDO

Tocam-me fundo esses movimentos solidários, dançados, cantados. Chego cheio de justificativas, me escondo detrás de uma cortina da sala, de um cinema, ali choro tudo o que não choro, dou vazão a todos os gritos calados.

Vendo e compro pretextos, todos os pontos da sutura que me afastam e marcam uma morte superada. Descubro tantos vazios na tristeza que se senta comigo. Olho velhas fotografias, pergunto-me com qual mágica desapareceram aqueles que estavam ali. Ressuscito emoções, lembro dos significativos momentos. Confirmo a irredutível procura, reafirmo a posição de realizar um encurtamento das distâncias. O tempo cansado se deita no meu corpo e me pede guarida, a saudade pesa na alma demonstrando não me dar tréguas. Parte da vida vivida levou muito tempo até chegar a mim, temo que chegue tarde, que leve a luz dos meus olhos, a graça da alegria, que não se ponha a serviço de assistir-me com o alento de que tanto preciso.

VICIOS TEMPORÁRIOS

Do vício que verte espanto nos meus olhos colho flagrantes, atento aos anexos vinculados. O vício corrompe os costumes, vive buscando validar sua existência. Revestido de grande afeto se instala nas minhas agendas transbordando a rotina, se oferece para resolver as clássicas dificuldades. Sem escrúpulos estende e atravessa a ética dos outros. Faz-me transbordar conhecidos versos. Com habilidade, o vício disfarça a maldade nele transportada, embora da magia que ele desperta viceje uma exuberância provocativa. O vício corrompe o corpo, exclui qualquer vigilância, depois minimiza qualquer responsabilidade. Remete à inércia. Muda de cor, de sabor, renova a cara, promete não transgredir, mas é o que mais faz, levando consigo, amarrado, um desprezo pela injúria e pelo prejuízo que ele causa.

MEDIDA

Vim devagar porque não posso mudar tanto o rumo. Temeroso, venho limitando a mágoa, perdido, sem estender a oportunidade a todos, como eu gostaria. Apareço por onde não se me espera, testemunho como ofício a dor alheia, a incerteza vincular e a falta de projeto. Volto-me completamente, nego-me a assistir a tragédia que desova na minha calçada, na minha porta. Diante dos meus olhos, uma força acabada precede abusos impunes, lisonjas repartidas, sombras substituindo pessoas, homens ocupando o lugar dos humanos e a bajulação imitando a confiança. Volto atrás, tento o avesso. Nos intervalos da minha volta, vivo de alguma maneira.

Roberto Curi Hallal

